

SOLDADO ‘MILHÕES’ – ÍCONE MILITAR DA GRANDE GUERRA¹

Abílio Pires Lousada

Aníbal Augusto Milhais, combatente da 1.^a Guerra Mundial no Teatro Europeu da Flandres, ficou para a História como o Soldado Milhões. Ícone da presença militar portuguesa na Grande Guerra e inegavelmente o combatente mais reconhecido e aclamado pelas gerações vindouras, com uma história que deambula entre a realidade e o mito, distinguiu-se por atos de bravura e generosidade e é o lídimo representante dos muitos soldados desconhecidos que deram tudo pela Pátria.

A sua resenha biográfica pode ser acompanhada pela Guia de Apresentação e a Folha de Matrícula Militar. Nasceu a 9 de julho de 1895 na aldeia de Carvas-freguesia de Valongo-concelho de murça-distrito de Vila Real de Trás-os-Montes. Foi alistado a 30 de junho de 1915 e dado apto para a recruta para servir até aos 45 anos de idade na Arma de Infantaria, pertencendo ao contingente de 1915 a cargo do distrito de Vila Real. Tinha 20 anos e era órfão de pai e mãe, jornaleiro de profissão (agricultor) e analfabeto, media 1,55 metros de altura e apresentava uma cicatriz junto ao queixo do lado esquerdo. Em 13 de maio de 1916, assentou praça no Regimento de Infantaria N.º 30, de Bragança (forte de São João de Deus), na 5.^a Companhia, como soldado n.º 267, onde prestou Juramento de Fidelidade a 30 de junho. Era a primeira vez que saía do concelho. Concluída a Instrução Básica, foi transferido para o Regimento de Infantaria N.º 19, de Chaves (sito no Castelo), fazendo parte da 11.^a Companhia como soldado n.º 491, concluindo a Instrução de Recruta a 29 de agosto.

Em 1917, inicia-se a projecção de unidades do Corpo de Exército Português (CEP) para a Flandres. O soldado atirador especial Aníbal Milhais, à semelhança de outros soldados das classes de 1913 a 1916, é convocado e colocado na 3.^a Companhia do 1.º Batalhão, do Regimento de Infantaria N.º 19, com o n. 469, a 9 de março de 1917, numa altura em que a unidade tinha a incumbência de organizar o 2.º Depósito de Infantaria do CEP. Concluído o aprontamento, é concedido aos militares o gozo de licença de onze dias (a designada licença de morte), apresentando-se a 15 de maio. Uma semana depois, os efetivos do 1.º Batalhão formam na parada do Regimento pelas 23 horas e marcham de seguida para Vidago. Aqui embarcam

¹ In, *Portugal na 1.ª Guerra Mundial. Uma História Militar Concisa*, Coord. Abílio Pires Lousada & Jorge Silva Rocha, Lisboa, CPHM, 2018

no comboio da linha do Corgo, com paragem na Régua para mudança para a linha do Douro, que os leva até ao Porto. Segue-se a viagem pela linha do Norte, com chegada a Lisboa (estação de Alcântara-Terra) na manhã de 23 de maio. A partir desta data, Aníbal Milhais e restantes militares têm o tempo de serviço contado a 100%. O Batalhão de Infantaria 19 (juntamente com outras unidades) embarca no cais de Alcântara-Mar a 27 de maio de 1917, sulcando o mar com destino a Brest, onde chega três dias depois. A 31 de maio, o contingente inicia o transporte de comboio para a Flandres, tendo Étaples como local de acantonamento. Aqui o soldado Milhais é sujeito a instrução de metralhadora ligeira Lewis 7.7 mm, onde se destaca. Depois, a 18 de julho, juntamente com outros camaradas do Batalhão do 19, apresenta-se ao capitão José da Luz Brito, comandante do Batalhão de Infantaria 15 de Tomar, também ele militar expedicionário do Regimento de Infantaria N.º 19, sendo integrado na 4.ª Companhia, na guarnição de Metralhadoras. Está em Laventie, área de reserva do subsector de Fauquissart, onde faz adaptação ao contingente militar luso-inglês, ao terreno e ao inimigo. É a fase dos trabalhos de trincheira, dos bombardeamentos de flagelação e dos raides pela «terra de ninguém».

Entretanto, em finais de 1917, o contingente militar português avançava em contínua degradação. Psicologicamente abatidos e fisicamente exaustos, os soldados sentiram-se em estado de abandono, surgindo as doenças e automutilações, insubordinações e deserções, a inação e o prostramento. Dos 55.000 efectivos iniciais do CEP, pouco mais de metade estavam aptos a cumprir missões de combate, que incluía o soldado o Milhais. Olhando a sua Folha de Matrícula verificamos que durante o tempo de serviço na frente somente teve dois dias de licença registada, dois dias de licença por motivo de doença e cinco dias de tratamento hospital. Notável, atendendo ao contexto. Até que a 6 de abril o CEP é desmantelado e a 2.ª Divisão do general Gomes da Costa, inserida no XI CE britânico do general Haking, assume a defesa do setor de 11 km a sul de Armentière, enquadrada pelas 40.ª e 55.ª Divisões Britânicas. Cada subsector tinha dois Batalhões de Infantaria em 1.º escalão, um em 2.º escalão e um quarto em reserva, na linha das aldeias. Acresce uma reserva divisionária na linha do Corpo constituída pela 3.ª Brigada (quatro Batalhões), de que fazia parte o Batalhão de Infantaria 15, onde está o soldado n.º 665 Milhais, posicionado em Croix Marmouse

com o 3.º Pelotão da 4.ª Companhia, comandados pelo alferes Alves de Sousa e o tenente Augusto Fontes, respetivamente.

Entretanto, numa altura em que a 2.ª Divisão tomou conhecimento que iria ser rendida por uma divisão britânica, na madrugada de 9 de abril os alemães deram início à Operação *Georgette*, bombardeando de forma intensa as posições portuguesas com artilharia e morteiros, numa primeira fase, e atacando em força ao longo do sector português com unidades de infantaria, numa segunda fase. No final de 9 de abril, a 2.ª Divisão, que teve uma ténue resistência nas linhas avançadas, quase foi pulverizada, mas pôde obrigar o inimigo a empenhar-se em redutos defensivos entre a linha C e a das aldeias – Laventie, a Norte, Huit Maisons, ao Centro, e Lacouture, a Sul.

E é com a resistência épica efetuada em Huit Maison que o soldado Aníbal Augusto Milhais entra para a História. Quando, cerca das 8 horas, o fogo de artilharia alemã abrandou, indiciando a ofensiva da infantaria, as companhias do Batalhão 15 foram mandadas avançar para ocupar posições de resistência em Lacouture, na Linha das Aldeias, onde estava posicionado o Batalhão 13 de Vila Real e um Batalhão de Ciclistas ingleses. Acontece que o denso nevoeiro existente, a necessidade de transitar fora dos caminhos para escapar ao fogo dos morteiros e o não reconhecimento antecipado das posições fez com que o 1.º e 3.º Pelotões da 4.ª Companhia errassem o itinerário. Orientados para a esquerda da área prevista, foram ter a Huit Maisons, cerca das 10:30 horas, onde se encontravam tropas escocesas do XI Corpo de Exército britânico, comandas por um major, a que se juntaram alguns contingentes desgarrados da 1.ª Companhia de Infantaria 14 de Viseu. Como o reduto tinha um espaço considerável e ocupava uma pequena elevação entre o arvoredo, o major britânico decidiu organizar uma posição defensiva com as forças presentes. Por essa via, fazem fogo sobre os alemães à medida que estes se aproximam, sujeitando-os a um empenhamento imprevisto. Só quando o inimigo resolveu envolver a posição é que os defensores se decidem por uma retirada organizada para a área de La Fosse, que acontece cerca das 14 horas. É neste momento que acontece a ação de Aníbal Milhais.

Sobre o feito, reproduzimos o texto do Louvor concedido em Ordem de Serviço do Batalhão de Infantaria N.º 15, de 15 de julho, e transcrito para a Ordem de Serviço N. 273 do CEP, de 3 de Outubro de 1918, que mereceu a condecoração com a 4.ª Classe da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito:

“Louvado (...) porque sendo o n.º 1 da guarnição de metralhadoras revelou na batalha de 9 de Abril, Sur La Lys, extraordinária bravura e coragem, efectuando um exemplo vivo de valentia, e realizado voluntariamente a defesa do seu pelotão em Huit Maisons, atacando com grande vigor o avanço inimigo, não abandonando o seu posto senão quando os portugueses e os escoceses já tinham retirado, salvando alguns destes de caírem nas mãos do inimigo, pois protegeu a retirada de todos, manejando a sua metralhadora com valor lealdade e mérito, indiferente à artilharia e metralhadoras inimigas”.

O louvor merece alguns comentários adicionais: i) o primeiro é que o soldado Milhais era o apontador da metralhadora ligeira Lewis (“n.º 1 da guarnição”), sabendo-se que o municionador (soldado de alcunha «Malha-Vacas») foi despedaçado por uma granada de morteiro inimiga; ii) o segundo aspeto é que não só não se deixou aprisionar (como aconteceu com quase 7.000 militares portugueses nesse dia), como não retirou à vista do avanço inimigo, ou seja não abandonou o seu posto; iii) o terceiro comentário retém que a sua conduta obrigou os alemães a «baixar a cabeça» e permitiu a retirada a salvo de militares portugueses e escoceses, efetuando *“voluntariamente a defesa do seu pelotão”*; iv) por último, os adjectivos descritos sobre a forma como manejou a metralhadora dizem-nos que o soldado Milhais era um excelente atirador, cuja ação pelo fogo, que «cortava os alemães ao meio» (expressão do próprio), deu aos alemães a ideia de existência de uma posição forte.

O soldado Milhais permaneceu em posição ao arrepio das ordens para retirar? Só abandonou a posição quando sabe que os camaradas estavam a salvo e/ou quando se lhe esgotaram as munições? Fez fogo sempre com a mesma metralhadora e tinha ao seu dispor munições em quantidade apreciável para fazer fogo durante um razoável período de tempo? Quantos alemães fez estacar e quantos abateu? A partir do momento em que a Lewis (a «Luisinha» no seu dizer) «se cala» os alemães dão-no como morto e continuam a progressão, enquanto ele se abriga? Não temos respostas concretas, a não ser testemunhos desgarrados de alguns soldados portugueses e escoceses e o seu posterior testemunho gravado, onde de forma pausada refere que quando viu os alemães ...

“Lhes abri fogo. Medi-os à cinta e pronto. Essa invasão caiu toda. Passado uma hora ou isso, veio outra igual. Fiz-lhe fogo antes de chegar ao mesmo sítio dos

outros. Mas mais tarde veio outra. Cortei-a também. Foi aí que eu já não vi e não tornei mais a ver alemães”.

Não deixa de ser interessante anotar que o general alemão Eric Ludendorff disse, depois da guerra, que também foi à conta da valentia de soldados como o Milhões que a ofensiva germânica fracassou.

É sabido que o «Murça» (como era conhecido entre camaradas) só abandonou a posição ao cair da noite desse dia, errando pelos caminhos até La Fosse, onde apanhou o itinerário de Zelobes para Lestrem, chegando junto dos seus, na área da retaguarda, a ... 12 de abril, exausto e esfomeado, onde amêndoas doces foram o seu sustento. E é então que depois de ouvir a sua epopeia, tomar conhecimento de relatos orais traçados por camaradas de armas portuguesas e britânicas, com destaque para a exortação de um médico escocês que diz ter sido salvo de um pântano pelo militar transmontano, que o major Ferreira do Amaral, comandante do Batalhão 15 (que não participou na Batalha de La Lys) se lhe dirige com a frase que ficaria célebre e pela qual ficaria para sempre conhecido:

“Como te chamas rapaz? Anibal Augusto Milhais, meu major”, responde. Ao que contrapõe: “és Milhais, mas vales milhões. Agora és Milhões”.

Factos são factos e estes são os factos. Que justificaram, além da já referida Ordem da Torre e Espada, a mais alta distinção portuguesa e que só foi concedida a um único soldado, a atribuição ainda em 1918 do Grau Cavaleiro da Ordem Nacional da Legião de Honra de França, condecoração instituída por Napoleão Bonaparte em 1802, e a Medalha de Cobre Comemorativa das Campanhas, criada em 30 de novembro de 1916. Em 1919, foi-lhe concedida a Medalha da Vitória, condecoração militar Interaliada, criada em 15 de Julho de 1919, em 1921 foi agraciado com a Medalha de Cobre da Ordem de Leopoldo II da Bélgica, criada em 1900, e em 1924 foi distinguido com a Medalha da Cruz de Guerra 1.^a Classe, criada em 30 de novembro de 1916 para premiar actos e feitos de bravura praticados em campanha.

O agora Soldado Milhões regressou de França a 2 de fevereiro de 1919, a bordo do *Helenus*, tendo desembarcado em Lisboa a 5, desde quando deixa de contar 100% sobre o seu tempo de serviço (1 ano e 246 dias). Licenciado a 22 de junho de 1919, passou a ser escriturado no Regimento de Infantaria 30, de Bragança, indo domiciliar-se na freguesia de Valongo, concelho de Murça. Foi-lhe

concedido pela Secretaria da Guerra, com data de 5 de dezembro de 1919, o abono de \$50 diários, o que daria posteriormente para glosar a sua passagem de Milhais a Milhões e, depois, a tostões. Nesse mesmo ano, uma sociedade italiana concedeu-lhe um prémio de 1000 Liras.

A partir de 1920, o cidadão Aníbal Milhais, casado com Teresa de Jesus, fica escriturado no Regimento de Infantaria 13, de Vila Real, ficando obrigado a instrução periódica e revistas anuais. Nem sempre cumpriu, sendo-lhe imposta sanção disciplinar aposta nos seus documentos militares, que posteriormente ficariam sem efeito. Facto que pode ser explicado pela sua atividade enquanto agricultor na terra de origem, sustento necessário para uma prole de uma dezena de filhos. A situação de relativa pobreza, levou-o pedir licença para rumar aos Estados Unidos do Brasil, a 16 de março de 1928, onde arranhou trabalho numa fábrica do Rio de Janeiro, mas onde não se demorou pois, em agosto do mesmo ano, estava de regresso a Portugal. Os seus conterrâneos de Murça acharam indigno que um herói e patriota tivesse que mendigar a vida no estrangeiro, pelo que recolheram uma coleta que totalizou dezoito contos e lhe permitiu regressar e refazer a vida na sua terra natal. O próprio governo da Ditadura Militar acusou o toque, concedendo-lhe uma pensão mensal de 15 escudos. Passou à Reserva Ativa em 31 de dezembro de 1925 e à Reserva Territorial em 31 de dezembro de 1936, ficando livre de obrigações militares a 31 de dezembro de 1944, com a idade de 49 anos de idade.

No entanto, convém ter presente que «o estrelato» do Soldado milhões só acontece em 1924. De facto, com o fim da guerra o País estava politicamente em ruptura, financeiramente exaurido, socialmente exausto e militarmente desagregado. Sucediavam-se as revoltas populares e os levantamentos militares e, neste ambiente, o soldado milhões e muitos outros combatentes foram remetidos para o esquecimento. Entretanto, em 1923 é criada a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, com o objetivo de reunir numa associação os militares e ex-militares portugueses que tinham combatido na 1.^a Guerra Mundial, e em 1924 o Diário de Lisboa resgata o soldado Milhões como herói e símbolo de generosidade e valentia dos soldados portugueses que combateram na Grande Guerra. De tal forma que está presente no Mosteiro da Batalha a 9 de abril desse ano, na inauguração do Lampadário do Soldado Desconhecido, sendo-lhe concedida a honra de acender a chama. O próprio nome da sua freguesia natal passou a designar-se Valongo de Milhais, em sua homenagem.

O regime republicano, em desagregação e em confronto com o corpo de oficiais do Exército, faz dele o símbolo do militar patriota e enaltece-o, algo que condiz mal com um homem simples, que vivia da terra e para a família. Inclusive o Estado Novo não teve pejo em fazer do Milhões um exemplo de valor patriótico a ser seguido pelas gerações vindouras, nomeadamente aquando da queda do Estado Português da Índia (1961) e durante a Guerra do Ultramar (1961-1974). Além das condecorações já referidas, o soldado Milhões viu a sua figura ser gravada em medalha pela Câmara Municipal de Murça, descerrando ainda um busto na praça da vila. Foi também teatralizado, romanceado e desenhado, tendo subido à tela, neste ano de 2018, o filme «Soldado Milhões».

Ontem como hoje há quem se admire ou desdenhe os seus feitos, tidos por inverosímeis e assaz incompreensíveis. Para uns o Milhões é uma criação do major Ferreira do Amaral e uma extrapolação do Diário de Lisboa, para outros ele não fez mais do que muitos soldados e graduados que combateram em La Lys e há ainda quem aponte o dedo aos políticos da República, que o utilizaram como «objeto» de arremesso contra a elite castrense. Nunca o «Murça», que morreu a 3 de junho de 1970 com 75 anos, fez questão de vãs glórias, interessando-lhe mais o sulco do arado que as homenagens públicas, sendo mais rentável a cabrada ou o gado bovino que as medalhas que lhe rendiam 1000 escudos mensais à hora da morte. Não obstante, era presença assídua no Regimento de Infantaria de Vila Real a 9 de abril de cada ano, onde se deleitava com o convívio dos jovens militares que lhe ouviam atentamente as suas histórias de guerra.

Parafraseando Fernando Pessoa, Aníbal Augusto Milhais foi na Grande Guerra o “*nada que é tudo*”, porque o soldado Milhões foi tudo o que deve ser um combatente que pega em armas em nome da Pátria.

Consultas

- ARQUIVO GERAL DO EXÉRCITO – *Guia de Apresentação e Folha de Matrícula Aníbal Augusto Milhais*. Proc n.º 55990/Cx 297/D2M9
- ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR – *Boletim Individual Soldado Aníbal Augusto Milhais*. PT/AHM/DIV/1/35A/2/68/64189
- CONCEIÇÃO, Capitão Augusto dos Santos, *Infantaria 15 de Tomar na Flandres*, Edição manuscrita do autor, Biblioteca do RI 15, 1936.

•COSTA, Dinis Serôdio Lopes da, *O Concelho de Murça na Grande Guerra*, Carviçais, Lema d'Origem, 2017.

•GALOPE, Francisco, *O Herói Português da I Guerra Mundial – De anónimo das Trincheiras a herói nacional, a história de Aníbal Milhais, o soldado Milhões*, Lisboa, Matéria Prima Edições, 2014.

•SILVA, António de Sousa e, *A Grande Guerra e a participação dos Militares do RI19 e do Alto Tâmega no conflito*, Chaves, Revista Aquae Flaviae N.º 50, 2015.